

**Linha étnica entre “alemães” e “brasileiros” em área de colonização no
Rio Grande do Sul.**

Sílvio Marcus de Souza Correa¹

Abstract: The present article is about the ethnic relations between “Germans” and “Brazilians” based on a community-study in Rio Grande do Sul. The study defends the thesis that the social interactions between these groups amalgamated the “prejudice of origin” and the “prejudice of color”. The result was ethnic prejudice not only against Negroes but also against “Whites of the land”. The “social Whites” also could not contribute to the area of German colonization because the social mobility of the “Brazilians” did not implicate their “whitening”. The ethnic line was one of the particularities of the social relations between “Germans” and “Brazilians” in the colonial communities. The present article intends to demonstrate the importance of both a social history and a historical sociology in order to understand the particularities of prejudices originates in the ethnic relations between hyphenated groups (lusó-, italo- e afro-brasileiros) in several communities of southern Brazil.

1. Comunidade colonial e a emergência da linha étnica

Neste trabalho, a linha étnica em Santa Cruz do Sul não foi tratada como um anacronismo e sim como um efeito emergente de ações individuais. Ver-se-á a seguir como uma comunidade local se transformou em uma agregação de pouco mais de 100 mil indivíduos, cuja comunitarização (*Vergemeinschaftung*) dos “alemães” contribuiu para forjar uma linha imaginária entre eles e os “brasileiros”.

Os “alemães” e os “brasileiros” foram aqui considerados, numa interpretação *lato sensu* da definição de Weber (1980:237), como grupos étnicos. Ou seja, aqueles grupos que nutrem uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa e/ou dos costumes e/ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunitarização, independente se seus laços sanguíneos existem objetivamente ou não. Assim, os “alemães” e os “brasileiros” de Santa Cruz do Sul têm um conjunto distinto de referências coletivas (língua, costumes, memória). Aliás, uma comunidade real é aquela que tem um passado comum, valorizado em sua narrativa constitutiva; por isso, ela pode ser denominada *community of memory* (Bellah *et al.* 1985:153).

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul

A emergência da linha étnica na comunidade colonial de Santa Cruz será tratada com base na demarcação das fronteiras étnicas tanto por “alemães” quanto por “brasileiros”. Significa dizer que a linha étnica não é simplesmente imposta e sim construída na interação social entre os indivíduos. Estes não orientam suas ações apenas pela sua condição de “alemães” ou “brasileiros”. Mas a linha étnica que resulta de suas ações valida a distinção entre esses dois grupos. Ela também serve para os atores sociais explicarem determinadas situações e ações que decorrem dessa grelha de leitura.

Durante as quatro primeiras décadas da colônia de Santa Cruz (1849-1889), as relações étnicas entre “alemães” e “brasileiros” concorreu para a emergência de uma linha étnica na comunidade local, já que os primeiros tinham uma orientação racialista que ignorava o processo de branqueamento *made in Brazil*. Entre outros fatores, o preconceito de origem dos “alemães” e sua crença num *Volkstum* concorreram para a sua reprodução endógena e, por conseguinte, para a manutenção do *Deutschtum*.

2. Da imigração de “alemães” à migração de “brasileiros”

Ainda nos meados do século XX, “um forte preconceito de cor e uma acentuada discriminação racial” foi confirmada em Santa Cruz do Sul, onde havia “permanentes conflitos, étnicos” devido à luta “de uma cultura que quer se manter fiel às tradições de seu país de origem com a cultura brasileira” (Fachel 1968:45). Nota-se, portanto, que o *approach* assimilacionista visa localizar a comunidade estudada entre dois pólos do esquema interpretativo (seja a oposição entre comunidade e sociedade, entre tradição e modernidade ou o *continuum* folk-urbano) e que a co-existência de aspectos de um e de outro extremo tende a ser abordada, primeiramente, em termos de competição ou conflito; depois, de acomodação; e, por fim, de assimilação, conforme o *race relation cycle* de Robert Park (1950).

Nesses termos, a assimilação dos “alemães” implicou também na incorporação do preconceito de marca, predominante na sociedade brasileira. Em Santa Cruz do Sul dos meados do século XX, uma linha étnica coincidia com a linha social, embora houvesse certa autonomia entre elas.

Com mais de um século de acúmulo de experiências no campo das relações étnicas e após a experiência traumática da campanha de nacionalização, a comunidade teuto-brasileira passou a se orientar também pelo preconceito de marca, predominante na sociedade brasileira *at large*. Assim, os teuto-brasileiros passaram a evitar falar abertamente sobre o tema,

adotando a etiqueta de evitar suscetibilizar ou humilhar indivíduos do grupo discriminado (Nogueira 1985:86).

Durante as décadas de 60 e 70, houve a internacionalização da fumicultura em Santa Cruz do Sul (Vogt 1997), o que resultou num crescimento urbano-industrial significativo. A migração interna se intensificou e a proletarização de teuto-brasileiros ocorreu simultaneamente com a de outros elementos étnicos em busca de inserção no mercado de trabalho local. “Brasileiros” e “alemães” permaneciam distanciados, embora não houvesse a impermeabilidade das relações entre negros e brancos, como se fossem “duas sociedades paralelas, em simbiose, porém, irredutíveis uma à outra” (Nogueira 1985:90). Apesar da distribuição de “brasileiros” e “alemães” em todo o campo social, uma linha étnica os separava. Ao mesmo tempo, o preconceito de marca tendia a coincidir com o preconceito de classe (Nogueira 1985:90).

Na década de 80, a população urbana de Santa Cruz do Sul superou a rural em termos demográficos (Correa 2001:58). A heterogeneidade urbana passou a predominar sobre a homogeneidade rural. A migração intermitente de “brasileiros” e o aumento de sua representação demográfica enquanto grupo discriminado atenuou o preconceito étnico, tal como Nogueira (1985:91) observou em comunidades, onde prevalecia o preconceito de marca.

Nas últimas décadas, a linha étnica tem sido menos perceptível devido ao aumento da visibilidade social dos “brasileiros” em Santa Cruz do Sul. Desde o final dos anos 70, a forma de coesão social entre os indivíduos tem apresentado mais características da *Gesellschaft* do que da *Gemeinschaft*. Elas tornam *a fortiori* mais raras as características daquela comunidade valorizada pela ideologia étnica teuto-brasileira, cujo corolário mais óbvio era a ênfase no coletivo e que se distinguia pela língua alemã, pela preservação de usos e costumes alemães e pela vida associativa (Seyferth 1994:15). O *status* atribuído aos “alemães” também tem sido constantemente contestado pelos “brasileiros” que pleiteiam pela vigência da meritocracia e do reconhecimento do *status* adquirido ao invés do atribuído.

Mas se os “alemães” falam cada vez menos a língua materna, secularizam cada vez mais seus hábitos e passam a adotar um estilo de vida mais individualista, isso não significa que deixam de ser “alemães”. As fronteiras étnicas podem mudar de uma geração para outra. Entre os “alemães” a crença numa origem comum (*Stammverwandtschaftsglaube*) foi fundamental e a endogamia étnica apareceu como a via *par excellence* de preservação da própria comunidade. Disso decorreu o preconceito de origem e “todo um conjunto de estereótipos e preconceitos que, com maior ou menor intensidade, desqualificam aqueles que

não são teuto-brasileiros” (Seyferth 1994:17). Mas no último quartel do século XX, o comunitarismo dos “alemães” em Santa Cruz do Sul se tornou uma representação pós-moderna da comunidade de antanho, um simulacro.

3. A confluência dos preconceitos étnicos e sociais

Para abordar o preconceito entre “alemães” e “brasileiros” em Santa Cruz do Sul, foram analisados alguns dados coletados, através de entrevistas por amostras pelo Núcleo de Pesquisa Social da Universidade de Santa Cruz do Sul, em quatro *surveys* (1996, 2000, 2002, 2004) de projetos de pesquisas sob a coordenação do autor.

Forçoso dizer que, ainda hoje, a dicotomia entre “alemães” e “brasileiros” pauta a vida cotidiana de muitos habitantes de Santa Cruz do Sul. Se as relações interpessoais de vizinhança, de amizade e de trabalho são majoritariamente mistas, o que caracteriza onde o preconceito é de marca (Nogueira 1985:83), o mercado matrimonial pode se manter mais seletivo. No entanto, apenas um de cada cinco entrevistados considerou a descendência do cônjuge importante no *survey* realizado em 1996. Além disso, o preconceito de origem implícito nesta resposta não pode ser atribuído apenas aos “alemães” já que a mesma frequência se obteve para entrevistados “brasileiros”. Pode-se inferir que membros do grupo discriminado tenham incorporado o dogma da raça que prevalece sobre o da cultura na mesma proporção do que no grupo discriminador (Nogueira 1985:85).

Para Santa Cruz do Sul, os dados do IBGE não permitem distinguir os brancos por origem étnica. Em 1990, o IBGE apontava para 88,8% de brancos, 4,1% de negros, 6,9% de pardos no município (Correa 2005:114). Do critério de cor auto-atribuída ou observada, obtêm-se dados que não correspondem à descendência étnica. Por isso, o elevado percentual de “brancos” e o baixo percentual de “negros”, em Santa Cruz do Sul, pode ter a interferência do branqueamento social causado pelo entrevistador ou pelo próprio entrevistado.

Dados mais recentes de *surveys* realizados em Santa Cruz do Sul (1996; 2000; 2002; 2004) acusam um aumento dos “brasileiros”, especialmente dos afro-descendentes, e uma diminuição dos “alemães”, entre a população urbana do município. Considerando a margem de erro (3%), pode-se afirmar que a população de “alemães” e de “brasileiros” se equivale atualmente em termos percentuais.

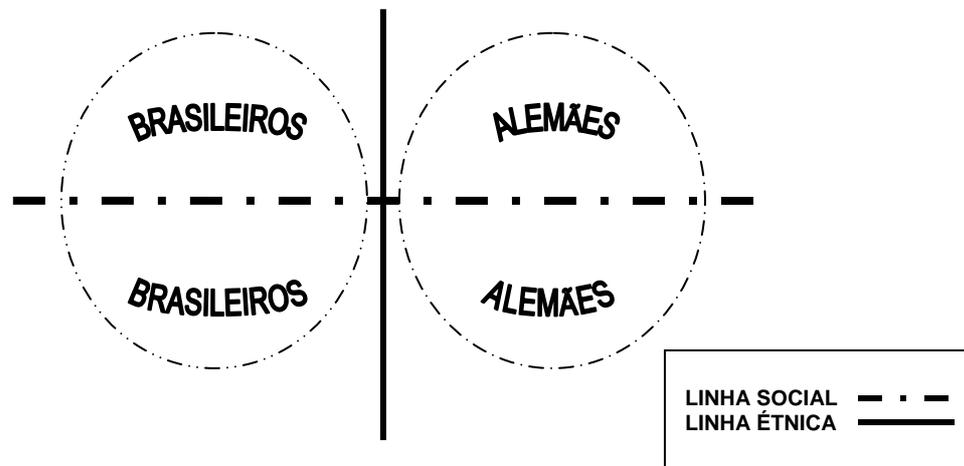
Em outro *survey* (2002), perguntou-se aos entrevistados se a origem étnica lhes trazia certo status. Os “alemães” foram mais contundentes que os “brasileiros” ao responder afirmativamente. A correlação foi estatisticamente significativa. No entanto, ao perguntar se o

pertencimento étnico lhes tinha sido importante para a situação atual, tanto os “teuto-brasileiros” quanto os “afro-brasileiros” foram unânimes em afirmar que sim. Para os entrevistados pertencentes ao grupo étnico minoritário, pode-se interpretar essa valorização étnica ligada à sua necessidade de auto-afirmação, típica à sua consciência diante da linha de cor e do preconceito de origem (Nogueira 1985:87).

A correlação entre a variável “percepção do preconceito étnico” e a variável da “pertença étnica” não foi estatisticamente significativa. Já a correlação entre “percepção do preconceito étnico” e “escolaridade” e a “renda média mensal” foi significativa. Quanto maior a escolaridade e a renda dos entrevistados, maior a tendência a reconhecer o preconceito étnico em Santa Cruz do Sul. Uma análise de regressão linear permite inferir que a percepção do preconceito étnico enquanto violência simbólica depende dos recursos, em termos de capital cultural e econômico, dos entrevistados.

Dos dados do primeiro *survey* (1996), foi constatado que as principais características dos “brasileiros” e dos “alemães”, atribuídas pelos entrevistados de ambos os grupos, coincidiram. Ou seja, a auto-imagem, tanto de “brasileiro” quanto de “alemão”, tinha uma forte correlação com a imagem atribuída pelos membros do *out-group*. Através de uma análise fatorial se comprovou uma aceitação pelos “brasileiros” da positividade das características dos “alemães” (Correa 2001c:92-93). Esse resultado pode ser um desdobramento do “etnocentrismo negativo” (Nogueira 1985:17) ou da inconsistência de status dos “brasileiros” em Santa Cruz do Sul, pois o “capital étnico” (Correa 2001c) se constitui uma das dimensões do status na comunidade santa-cruzense.

Com base numa análise de correspondência, pode-se inferir que não há coincidência entre pertencimento étnico e pertencimento social entre “alemães” e “brasileiros”. Se não cabe o termo *ethnoclass* para a composição dos grupos sociais e étnicos em Santa Cruz do Sul, o caso específico dos afro-brasileiros suscita uma abordagem estrutural que pode ter como referência o clássico *approach* de Myrdal (1963). Em Santa Cruz do Sul, se nem todos os pobres são negros, a maioria dos negros é pobre. Trata-se de uma *black underclass*? A pertinência do emprego do polêmico termo *underclass* (Wacquant 1997) para o estudo dos afro-brasileiros em Santa Cruz do Sul pode balizar novas pesquisas, pois há uma confluência de preconceitos étnicos e sociais que acusam respectivamente a linha étnica e a linha social.



Segundo o esquema acima, os “brasileiros” situados na parte superior da “esfera social” são, geralmente, luso-brasileiros ou ítalo-brasileiros enquanto os afro-brasileiros se situam mais na parte inferior. Os “brasileiros” situados na parte superior da “esfera social” apresentam, em geral, uma inconsistência de status porque numa dimensão do status (capital étnico) seu capital é baixo. Já os “alemães” que se situam na parte inferior da “esfera social” têm uma inconsistência de status porque seu “capital étnico” não corresponde à sua situação sócio-econômica, segundo as representações sociais locais. Assim que apenas os “brasileiros” situados na parte inferior da “esfera social” e os “alemães” da parte superior apresentam uma consistência de status.

Embora a linha étnica delimite cada vez menos as áreas de contato entre os grupos em Santa Cruz do Sul, a linha social aumenta o contraste entre “alemães” e “brasileiros”. A linha étnica não restringe por si mesma o acesso dos “brasileiros” aos recursos disponíveis na comunidade. A distribuição desigual dos recursos torna a linha social mais marcante e restritiva que a linha étnica. Em matéria do Jornal *Gazeta do Sul* (18 e 19/11/2000), um estudo sobre o perfil do negro em Santa Cruz do Sul apontou o contraste da linha social. Dos afro-brasileiros, 80% tinham renda familiar inferior a cinco salários mínimos e 62% tinham escolaridade igual ou inferior ao ensino fundamental completo.

Como as relações étnicas em Santa Cruz do Sul misturam aspectos do preconceito de origem com o de marca, então, a linha étnica entre “alemães” e “brasileiros” se mantém mesmo que haja uma mobilidade social maior de luso-brasileiros e uma menor de afro-brasileiros. Para muitos “brasileiros” a ascensão social pode redundar num branqueamento, mas para os “alemães” a mobilidade social dos “brasileiros” não os faz “branco sociais”.

Como apontou Nogueira para onde há linha de cor e preconceito de origem, a miscigenação não é bem vista. A partir dos dados do *survey* (2000), constatou-se que a maioria dos entrevistados afro-descendentes (59,7%) se denominou “negra”, 36,4% “parda”, “morena” ou “mulata” e 3,9% não souberam se definir pela cor. A correlação da “auto-identificação” com as variáveis ‘renda média familiar’ e ‘escolaridade’ não foi estatisticamente significativa. Ou seja, o “branqueamento social” não se mostrou como uma tendência entre os entrevistados afro-brasileiros em Santa Cruz do Sul com escolaridade e renda superior à média dos entrevistados. Entre outros fatores, pode-se aventar que a impermeabilidade do grupo étnico majoritário contribuiu para uma “consciência negra” local.

Mesmo ancorados no preconceito de origem, os membros do grupo étnico majoritário não assumem um comportamento coletivo e aberto de discriminação aos membros do *outgroup*. Tal como em outras regiões do Brasil, um indivíduo pode ter suas convicções “racistas” e, ao mesmo tempo, manter relações “amistosas” com membros do *outgroup* sem que isso represente uma contradição (Nogueira 1985:83). Isso porque o preconceito racial não é acompanhado pela segregação e discriminação raciais sistemáticas (Degler 1976:95).

Em relação à consciência da discriminação sobre o grupo discriminado, pode-se supor que ela seja intermitente entre os “brasileiros” e que ela seja contínua, mesmo obsedante, entre os afro-brasileiros. A primeira forma de consciência seria uma reação típica ao preconceito de marca, enquanto a segunda ao preconceito de origem do grupo discriminador (Nogueira 1985:87).

Quanto à segregação sócio-espacial, Santa Cruz do Sul apresenta áreas predominantemente “brancas”, mistas e “brasileiras”. Nos bairros periféricos, os “brasileiros” convivem com “alemães” em condições sócio-econômicas semelhantes. Mas os últimos não se tornam “negros sociais”, pois manipulam seu “capital étnico” (Correa 2001c) tanto para realçar uma linha étnica que os separa dos “brasileiros” quanto para compensar a linha social que os separa dos demais “alemães”. A disponibilidade desses recursos não significa que os mesmos sejam manipulados diariamente. Isso depende das situações de interação social, dos interesses dos atores e de como eles interpretam cada situação e calculam suas ações.

Considerações finais

Como advertiu Geertz (1973:22), “*the locus of the study is not the object of the study.*” O estudo sobre a linha étnica em uma cidade de porte médio em área de colonização no Rio

Grande do Sul foi empreendido com o fito de validar algumas hipóteses de trabalho e, ao mesmo tempo, revisar criticamente a produção do conhecimento sobre o assunto. Nesse sentido, o presente estudo retomou alguns conceitos de uma tradição sociológica e procurou ajustá-los a uma realidade social, delimitada no tempo e no espaço. Isso resultou a adaptação de alguns termos. Ao invés do termo *color line*, comum na literatura norte-americana, foi empregado linha étnica, já que a pesquisa empírica acusou certas particularidades do fenômeno observado, o que levou a elaboração deste novo termo. Ao contrário, os termos “alemães” e “brasileiros” remontam à fase pioneira da colonização e são empregados até hoje pela população local. Esses termos foram transformados em categorias analíticas para lograr uma interpretação sociológica do objeto de estudo.

O exposto neste trabalho perseguiu o objetivo de mostrar que as fronteiras étnicas assumem contornos inusitados porque elas não são definidas por acordo entre os grupos. A linha étnica e os preconceitos não fazem parte de um mero aparato de dominação de um grupo sobre outro(s). Sua reprodução se deve mais aos efeitos agregados das ações individuais e resta ao historiador o desafio de reconstruir as situações concretas onde ocorreram essas ações, que reproduziram a linha étnica.

Em relação aos preconceitos que permitem a atualização da linha étnica entre “alemães” e “brasileiros” em Santa Cruz do Sul, a abstração que se pode fazer das motivações e das ações individuais deve evitar qualquer nomologismo, embora o historiador ou o sociólogo possa reconstruir modalidades de agregação social a partir do comportamento dos indivíduos. Ao invés de procurar leis sociológicas, o que parece estar mais ao alcance do observador é a probabilidade ou a tendência de que, em situações conhecidas, os atores possam agir desta ou daquela maneira.

Referências bibliográficas:

- BARTH, Frederik (org.). *Ethnic Groups and Boundaries : The Social Organization of Culture Difference*. London:George Allen & Unwin, 1969.
- BELLAH *et al.* *Habits of the Hearth*. Individualism and Commitment in American Life. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1985.
- CORREA, Sílvio M. de S. “Multiculturalismo congenial e fronteiras étnicas”, *in* PICCOLO, Helga (dir.) *História Geral do Rio Grande do Sul*. Império, vol. IV, Passo Fundo: Editora Méritos, 2006, pp.257-278.

_____. “Migração e mobilidade social no Brasil meridional: os afro-brasileiros em Santa Cruz do Sul (RS)”, *Ethnos Brasil. Cultura e Sociedade*, São Paulo, ano 2, n.4, p.104-121, 2005.

_____. “Identidade étnica e alteridade”, in CUNHA, Jorge (dir.) *Cultura alemã – 180 anos*. Porto Alegre: Nova Prova, 2004, pp. 31-44/211-228.

_____. “Migração e a (re)construção do capital social”, in CORREA, Sílvio M. de S. (org.) *Capital social e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003, p.303-334.

_____. “Integração e individualidades: a interação étnico-cultural no Rio Grande do Sul”, *Anais do Simpósio Paese Natio – Zweite Heimat: O futuro das tradições italiana e alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edições EST, p.147-152, 2002.

_____. “Mobilidade e desenvolvimento regional: o caso da comunidade afro-brasileira de Santa Cruz do Sul”, *REDES Revista do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, vol. 6, nº1, p.53-81, 2001a.

_____. “Minorias étnicas no Brasil meridional: Notas para uma revisão sociológica”, *Barbarói Revista do departamento de ciências sociais da universidade de santa cruz do sul*, v. 15, N. 1, P. 33-54, 2001b.

_____. *Zur ethnischen Identität der Deutschstämmigen in Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001c.

DEGLER, C.N. *Nem preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos EUA*. Rio de Janeiro; Labor do Brasil, 1976.

FACHEL, José. *O negro no município de Santa Cruz do Sul*. In: Boletim Informativo. Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 05 e 6, jun-dez de 1968.

GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures*, New York: Basic Books, 1973.

NOGUEIRA, Oracy. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil”, *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, São Paulo, vol.I, 1954, p.409-434.

_____. *Preconceito de marca. As relações raciais em Itapetininga*. São Paulo: Edusp [1955], 1998.

_____. *Tanto preto quanto branco: Estudos de relações raciais*. São Paulo: T.A. Queiróz Editores, 1985.

PARK, Robert. *Race and Culture. Essays in the Sociology of Contemporary Man*. Glencoe, 1950.

SEYFERTH, Giralda. “A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica” in MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (org.) *Os Alemães no Sul do Brasil*, Cultura, etnicidade e história. Canoas: Editora da Ulbra, 1994, p.11-28.

_____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 1990.

_____. “Imigração, colonização e identidade étnica (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem européia no sul do Brasil)”, *Revista de Antropologia* 29. São Paulo, p.57-71. 1986.

_____. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

TÖNNIES, Ferdinand. *Gemeinschaft und Gesellschaft. Grundbegriffe der reinen Soziologie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft (8 Auflage Leipzig: Buske 1935), 1978.

VOGT, Olgário P. *A produção de fumo em Santa Cruz do Sul – RS (1849-1993)*, Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.

WACQUANT, Loïc, L’underclass urbaine dans l’imaginaire social et scientifique américain, in Paugam, Serge (dir.) *L’exclusion. L’état de savoir*. Paris: Éditions la découverte, 1996, p.248-262.

WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft*. Tübingen, 5ª edição, 1980.

Outras fontes:

Dados de entrevistas do projeto *Zur ethnischen Identität in Sudbrasilien*, sob a coordenação de Sílvio M. de S. Correa e com financiamento da CAPES, 1996.

Dados de entrevistas do projeto *Integração social dos afro-brasileiros em Santa Cruz do Sul*, sob a coordenação de Sílvio M. de S. Correa. Faz parte deste banco de dados – com a devida autorização – as entrevistas da pesquisa eleitoral realizada pelo Núcleo de Pesquisa Social (NUPES), sob encomenda do Jornal Gazeta do Sul, 2000.

Dados de entrevistas do projeto *Processos de exclusão social e desenvolvimento regional*, sob a coordenação de Sílvio M. de S. Correa. Pesquisa social empírica realizada pelo Núcleo de Pesquisa Social (NUPES) com auxílio do Fundo de Apoio à Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, 2002.

Dados de entrevistas do projeto *Processos de exclusão social e desenvolvimento regional*, sob a coordenação de Sílvio M. de S. Correa. Pesquisa social empírica realizada pelo Núcleo de Pesquisa Social (NUPES) e com financiamento da FAPERGS, 2004.